



SÍNTESE DE NOTÍCIAS N° 0285/2025

**EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE ANGOLA NO REINO DA ARÁBIA SAUDITA
RIADE, 19/10/2025**

Ministro das Finanças saudita alerta economia global para enfrentar 'desafios'



O ministro das Finanças saudita, Mohammed Al-Jadaan, disse que a economia global continuará a enfrentar uma série de desafios este ano, alguns dos quais devem persistir em 2026, à medida que os efeitos de grandes mudanças estruturais moldam as políticas fiscais e monetárias em todo o mundo.

O ministro das Finanças do Reino da Arábia Saudita, Mohammed Al-Jadaan, disse que a economia global continuará a enfrentar uma série de desafios este ano, alguns dos quais devem persistir em 2026, à medida que os efeitos de grandes mudanças estruturais moldam as políticas fiscais e monetárias em todo o mundo. Seus comentários foram feitos depois que ele participou na quarta Reunião de Ministros das Finanças e Governadores de Bancos Centrais do G20, realizada esta semana sob a presidência do G20 da África do Sul, à margem das Reuniões Anuais do Grupo Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional em Washington, informou a Agência de Imprensa Saudita.

Al-Jadaan foi acompanhado nas reuniões pelo governador do Banco Central do Reino da Arábia Saudita, Ayman Alsayari. Ele também enfatizou que as soluções não devem

envolver a retirada do sistema multilateral de comércio, mas sim esforços colectivos para melhorá-lo, a fim de fortalecer a confiança e promover investimentos de longo prazo.

O ministro sublinhou ainda que a adesão à disciplina fiscal e a sustentabilidade da dívida pública continuam sendo pilares fundamentais da estabilidade macroeconómica, acrescentando que esses objectivos exigem maior transparéncia, boa governança financeira e maior eficiência de gastos. Abordando o impacto da rápida mudança tecnológica, Al-Jadaan apontou para o aumento da inteligência artificial e dos activos digitais como áreas que exigem "estruturas regulatórias proactivas" que equilibrem a exploração de oportunidades com a mitigação de riscos. Ele pediu às instituições financeiras internacionais que forneçam orientações claras para ajudar os países a alinhar suas políticas nacionais com a estabilidade financeira global.

Durante as discussões sobre o apoio ao crescimento económico de África, Al-Jadaan destacou a crescente importância do continente para a expansão económica global e pediu soluções "práticas e implementáveis" que se concentrassem na redução dos custos de capital, estimulando o investimento privado e reforçando a sustentabilidade financeira. Ele enfatizou que alcançar o progresso sustentável em África requer o apoio de instituições multilaterais que tiveram que implementar reformas estruturais para aumentar a produtividade e criar condições favoráveis para o crescimento liderado pelo sector privado.

Al-Jadaan também reafirmou a parceria de longa data do Reino com as nações africanas, observando que o Reino da Arábia Saudita financiou uma ampla gama de projectos em infraestrutura, energia e saúde em mais de 40 países do continente. **Fonte-Reuters**.

Reino Saudita destaca papel na estabilidade econômica do Iêmen em mesa redonda em Washington



A delegação saudita foi liderada pelo supervisor-geral assistente do programa, Hassan Al-Attas.

Uma delegação do Programa Saudita de Desenvolvimento e Reconstrução para o Iêmen participou da discussão do Banco Mundial, "Viabilizando empregos em ambientes frágeis e afectados por conflitos: uma mesa redonda sobre o estímulo aos investimentos privados". A discussão foi realizada à margem das reuniões anuais do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial em Washington. A delegação saudita foi liderada pelo Supervisor-geral assistente do programa, Hassan Al-Attas, que destacou o papel do Reino da Arábia Saudita no fortalecimento da estabilidade econômica do Iêmen como seu maior apoiador, fornecendo mais de US\$ 26 bilhões em ajuda ao desenvolvimento, econômico e humanitário nas últimas décadas. O evento contou com

a presença da Directora Administrativa de Operações do Banco Mundial, Anna Bjerde; ministros do Reino Unido, Bélgica, Alemanha, Somália, Guiné e Etiópia; o vice-presidente de operações da Agência Multilateral de Garantia de Investimentos, Junaid Ahmad; e representantes de organizações internacionais.

Al-Attas observou que, desde 2018, o Reino da Arábia Saudita forneceu depósitos directos e doações ao Banco Central e ao Ministério das Finanças do Iêmen, incluindo um depósito de US\$ 2 bilhões para importações de alimentos básicos, com apoio adicional superior a US\$ 12 bilhões entre 2012 e 2025. Essa ajuda financeira ajudou a aliviar a carga orçamentária do governo iemenita, proteger as reservas de moeda estrangeira do Banco Central, fornecer concessões de derivativos de petróleo, estabilizar mercados, melhorar a liquidez e permitir a actividade do sector privado, acrescentou.

Al-Attas revisou as experiências de desenvolvimento do programa e as lições aprendidas com suas intervenções, que se baseiam no apoio ao sector governamental, no investimento em infraestrutura e capital humano e no estímulo ao sector privado. Ele acrescentou que essa estrutura fortaleceu as instituições, limitou o esgotamento das reservas estrangeiras e permitiu que os ministérios implementassem políticas económicas, financeiras mais eficientes e que o programa entregou mais de 265 projectos e iniciativas de desenvolvimento em 16 províncias iemenitas, cobrindo oito sectores vitais, com supervisão directa de cinco dos escritórios executivos do programa, a um custo total de US\$ 1,145 bilhão. A delegação saudita realizou reuniões bilaterais com o ministro iemenita do Planejamento e Cooperação Internacional, Waed Abdullah Badhib; Director executivo do escritório do Reino da Arábia Saudita no Grupo Banco Mundial, Suhail Al-Saeed; o Assessor de relações internacionais do Ministério das Finanças da Estônia, Marten Ross; e o Conselheiro sénior do Banco Mundial, Jeehan Abdul Ghaffar. As reuniões tiveram como objectivo reforçar a cooperação internacional e apoiar os esforços conjuntos para o desenvolvimento sustentável no Iémen. **Fonte-Arab News.**

[**Reino da Arábia Saudita fortalece laços em saúde com o Egípto**](#)



AlJalajel se reuniu com a directora regional da OMS para o Mediterrâneo Oriental, Dra. Hanan Balkhy, para discutir a melhoria do acesso a soluções transformadoras e a aceleração da cobertura universal de saúde.

O ministro da Saúde saudita, Fahad AlJalajel, concluiu a sua participação na 72ª sessão do Comitê Regional da OMS para o Mediterrâneo Oriental no Cairo, Egípto, de 15 a 17 de outubro. Ele realizou reuniões bilaterais com homólogos do Egípto, Paquistão e o Irão para melhorar a coordenação de saúde, garantir acesso equitativo a serviços

médicos, apoiar esforços de resposta a emergências e combater a poliomielite na região, de acordo com um relatório da Agência de Imprensa Saudita.

AlJalajel, também se reuniu com a directora regional da OMS para o Mediterrâneo Oriental, Dra. Hanan Balkhy, para discutir a melhoria do acesso a soluções de saúde transformadoras e a aceleração da cobertura universal de saúde. Reuniões adicionais com especialistas do sector de saúde se concentraram no fortalecimento da resiliência do sistema de saúde e na promoção da cooperação regional em desafios compartilhados. No discurso do Reino em uma sessão com os Patrocinadores Executivos do Desafio do Legado da Pólio, o ministro reafirmou o compromisso do Reino da Arábia Saudita em apoiar os esforços internacionais e regionais para erradicar a pólio, melhorar os serviços de saúde e melhorar a qualidade de vida. A participação do Reino da Arábia Saudita "reflecte a sua dedicação às iniciativas globais de saúde e à construção de sistemas de saúde integrados, contribuindo para as metas da Visão Saudita 2030 e promovendo um futuro regional e global mais saudável". **Fonte-Arab News.**

Presidente do Conselho Shoura saudita lidera a 151ª Assembleia da União Interparlamentar em Genebra



Entre os funcionários com quem o Sheikh Abdullah Al-Asheikh se reuniu estavam o presidente do Conselho do Bahrein, Ahmed Al-Musallam, e o membro do Conselho Nacional Federal dos Emirados Árabes Unidos, Dr. Ali Al-Nuaimi.

O presidente do Conselho Shoura do Reino da Arábia Saudita, Sheikh Abdullah Al-Asheikh, realizou várias reuniões de alto nível em Genebra, enquanto liderava a delegação saudita na 151ª Assembleia da União Interparlamentar. Entre os funcionários que ele recebeu estava o presidente do Conselho de Representantes do Bahrein, Ahmed Al-Musallam, e o membro do Conselho Nacional Federal dos Emirados Árabes Unidos e chefe da delegação, Dr. Ali Al-Nuaimi. Durante as reuniões, eles discutiram maneiras de melhorar a coordenação parlamentar conjunta do Golfo, trocaram opiniões sobre a agenda da UIP e abordaram questões regionais e internacionais de interesse comum. **Fonte-Arab News.**

Reino da Arábia Saudita prende 23.094 ilegais em uma semana

As autoridades sauditas prenderam 23.094 pessoas em uma semana por violarem os regulamentos de residência, trabalho e segurança de fronteira. Um total de 13.604 pessoas foram presas por violações das leis de residência, enquanto 4.816 foram detidas por tentativas ilegais de travessia de fronteira e outras 4.674 por questões trabalhistas. O relatório mostrou que entre as 2.061 pessoas presas por tentarem entrar ilegalmente

no Reino, 56% eram etíopes, 43% iemenitas e 1% eram de outras nacionalidades. Outras 27 pessoas foram pegadas tentando cruzar para países vizinhos e 17 foram detidas por envolvimento no transporte e abrigo de infratores.

O Ministério do Interior disse que qualquer pessoa que esteja facilitando a entrada ilegal no Reino, incluindo o fornecimento de transporte e abrigo, pode enfrentar prisão por um período máximo de 15 anos, uma multa de até SR1 milhão (US \$ 267.000), bem como o confisco de veículos e propriedades. Suspeitas de violações podem ser relatadas para o número gratuito **911** nas regiões de Meca e Riade, e **999** ou **996** em outras regiões do Reino. **Fonte-Arab News**.

[**Netanyahu diz que guerra em Gaza não termina até que o Hamas se desarme**](#)



O primeiro-ministro israelense Benjamin Netanyahu discursando em uma cerimônia memorial de estado para os caídos da Guerra das Espadas de Ferro no Monte Herzl em Jerusalém em 16 de outubro de 2025.

O primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, alertou ontem sábado que a guerra em Gaza não terminará até que o Hamas seja desarmado e o território palestino desmilitarizado. Sua declaração foi feita quando o braço armado do Hamas, as Brigadas Ezzedine Al-Qassam, entregou os restos mortais de mais dois reféns na noite de sábado sob um acordo de cessar-fogo mediado pelos EUA.

O gabinete de Netanyahu disse na noite de sábado que uma equipe da Cruz Vermelha recebeu os restos mortais de dois reféns do Hamas e os entregou às forças israelenses em Gaza, de onde seriam levados para Israel para serem identificados. A questão dos reféns mortos ainda em Gaza tornou-se um ponto de discordância na implementação da primeira fase do cessar-fogo. Israel vinculou a reabertura da principal passagem de Rafah ao território à recuperação dos restos mortais dos reféns.

Netanyahu alertou que a conclusão da segunda fase do cessar-fogo é essencial para acabar com a guerra e envolve o desarmamento do Hamas e a desmilitarização da Faixa de Gaza. "Quando isso for concluído com sucesso - espero que de uma maneira fácil, mas se não, de uma maneira difícil - então a guerra terminará", acrescentou ele em uma aparição no Canal 14 israelense de direita.

O Hamas até agora resistiu à ideia e, desde a pausa nos combates, agiu para reafirmar seu controle sobre Gaza. O Departamento de Estado dos EUA disse no sábado que tinha "relatos confiáveis" de que o Hamas estava planejando um ataque iminente contra civis

em Gaza, alertando que isso seria uma "violação do cessar-fogo". "Se o Hamas prosseguir com este ataque, medidas serão tomadas para proteger o povo de Gaza e preservar a integridade do cessar-fogo", disse em um comunicado, sem detalhar a natureza ou o alvo de tal ataque.

Passagem de Rafah fechada

Sob o acordo de cessar-fogo mediado pelo presidente dos EUA, Donald Trump, o Hamas libertou até agora todos os 20 reféns vivos, juntamente com os restos mortais de nove israelenses e um nepalês. Em troca, Israel libertou quase 2.000 prisioneiros palestinos e 135 outros corpos de palestinos desde que a trégua entrou em vigor em 10 de outubro. O Hamas disse que precisa de tempo e assistência técnica para recuperar os corpos restantes, que diz estarem enterrados sob os escombros de Gaza. O gabinete de Netanyahu disse que ele "ordenou que a passagem de Rafah permanecesse fechada até novo aviso". "Sua reabertura será considerada com base em como o Hamas cumpre sua parte no retorno dos reféns e dos corpos dos falecidos e na implementação da estrutura acordada", disse, referindo-se ao acordo de cessar-fogo de uma semana. O Hamas alertou na noite de sábado que o fechamento da passagem de Rafah causaria "atrasos significativos na recuperação e transferência de restos mortais". **Fonte-AFP.**

Indonésia comprará caças chineses no primeiro acordo de compra de aeronaves não ocidentais



Acima, três aeronaves J-10 chinesas permanecem em formação durante o exercício combinado 'Falcon Strike..

A Indonésia comprará caças Chengdu J-10C de fabricação chinesa, disse o seu ministro da Defesa, marcando o primeiro acordo de compra de aeronaves não ocidentais do país. Nos últimos anos, o país mais populoso do Sudeste Asiático embarcou em esforços para modernizar o seu equipamento militar envelhecido e fortalecer a sua indústria de defesa. Isso inclui um pedido de 42 caças franceses Dassault Rafale no valor de US\$ 8,1 bilhões, com a primeira entrega prevista para o início do próximo ano. O ministro da Defesa, Sjafrie Sjamsoeddin, disse a repórteres no início desta semana que os caças chineses "sobrevoarão Jacarta em breve".

O ministro das Finanças, Purbaya Yudhi Sadewa, também confirmou que seu ministério concordou com um orçamento de cerca de US \$ 9 bilhões para a compra de aeronaves. "Foi aprovado, então tudo deve estar pronto", disse ele a repórteres em Jacarta. Os caças chineses recentemente chamaram a atenção internacional depois que o Paquistão supostamente usou a aeronave para derrubar vários jatos Rafale de fabricação francesa da Força Aérea Indiana durante o conflito Índia-Paquistão em maio. O plano da Indonésia de comprar os J-10 circulou pela primeira vez no mês passado, com relatórios

iniciais colocando o número de compras em 42. O Ministério da Defesa da Indonésia não respondeu imediatamente ao pedido de confirmação do Arab News. A especialista em defesa Connie Rahakundini Bakrie disse que a Indonésia está praticando a sua política externa "livre e activa" com seu primeiro acordo de compra de aeronaves não ocidentais. "Para a Indonésia, não se trata de mudar alianças ... Trata-se de expandir as opções estratégicas", disse ela ao Arab News. "Trata-se de independência de decisões ... a capacidade de se envolver com todos os lados, com o lado da China, com o lado da Rússia, com os EUA ou mesmo com o lado europeu. Portanto, cooperar em qualquer campo e defender os interesses nacionais sem ficar preso nessa rivalidade entre grandes potências."

A medida da Indonésia também pode indicar cautela sobre possíveis desenvolvimentos no contestado Mar da China Meridional. "Acredito que o Mar da China Meridional será o ponto quente novamente ... (E) o Indo-Pacífico (pode se tornar) a região mais contestada; em nossas rotas marítimas, em nossos céus, em nosso ambiente digital", disse Bakrie. "Então, é claro, a abordagem da Indonésia deve ser sempre equilibrada." **Fonte-Reuters.**

Militares britânicos dizem que navio está em chamas após ser atingido na costa do Iêmen, no Golfo de Adem



O centro de Operações de Comércio Marítimo do Reino Unido emitiu alerta sobre a embarcação, descrevendo o incidente como ocorrendo a cerca de 210 quilômetros a leste de Aden.

Um navio pegou fogo neste sábado no Golfo de Aden, na costa do Iêmen, depois de ser atingido por um projétil, disseram os militares britânicos, com um relatório sugerindo que sua tripulação estava se preparando para abandonar a embarcação. O incidente ocorre quando os militantes houthis do Iêmen atacam navios pelo corredor do Mar Vermelho. No entanto, os militantes não reivindicaram imediatamente o ataque, embora possa levar horas ou até dias para fazê-lo.

O centro de Operações de Comércio Marítimo do Reino Unido emitiu alerta sobre a embarcação, descrevendo o incidente como ocorrendo a cerca de 210 quilômetros (130 milhas) a leste de Aden. "Uma embarcação foi atingida por um projétil desconhecido, resultando em um incêndio", disse o UKMTO. "As autoridades estão investigando." A empresa de segurança marítima Ambrey descreveu o navio como um petroleiro de bandeira camaronesa que estava "a caminho de Sohar, Omã, para Djibuti" e que a tripulação estava se preparando para abandonar o navio e um esforço de busca e resgate estava em andamento". A campanha houthi contra o transporte marítimo matou pelo menos nove marinheiros e viu quatro navios afundados. Isso derrubou o transporte marítimo no Mar Vermelho, por onde cerca de US \$ 1 trilhão de mercadorias passavam a cada ano antes da guerra. O ataque mais recente dos militantes atingiu o navio de carga

de bandeira holandesa Minervagracht em 29 de setembro, matando um membro da tripulação a bordo e ferindo outro. Enquanto isso, os houthis ameaçam cada vez mais o Reino da Arábia Saudita e fazem prisioneiros dezenas de trabalhadores de agências das Nações Unidas e outros grupos de ajuda, alegando sem provas que eram espiões - algo ferozmente negado pelo órgão mundial e outros. **Fonte-Reuters.**

Irão anuncia que acordo de 2015 para restringir programa nuclear, expirou



O Irão anunciou que já não estava vinculado às restrições do seu programa nuclear definidas num acordo internacional concluído há 10 anos, que expirou ontem 18 de outubro de 2025, reiterando, no entanto, o seu compromisso com a diplomacia. Este acordo, assinado em 2015 pelo Irão, França, Reino Unido, Alemanha, Estados Unidos, Rússia e China, visava regular as actividades nucleares da República Islâmica em troca do levantamento das sanções da ONU, que pesavam fortemente sobre a economia iraniana. A sua data de expiração tinha sido fixada para 18 de outubro de 2025, exatamente 10 anos após o texto ter sido avalizado pela ONU através da resolução 2231. O acordo limitava o enriquecimento de urânio do Irão a 3,67% e previa a supervisão rigorosa das actividades nucleares pela Agência Internacional de Energia Atómica (AIEA), o organismo de supervisão nuclear da ONU. Apesar de o negar, o Irão é frequentemente acusado pelo Ocidente e por Israel, seu inimigo jurado, de desenvolver secretamente armas nucleares. A partir de agora, "todas as disposições [do acordo], incluindo as restrições ao programa nuclear do Irão e mecanismos relacionados, são consideradas encerradas", escreveu o Ministério dos Negócios Estrangeiros num comunicado divulgado a propósito da expiração do pacto. O acordo já tinha sido alvo de vários reveses, já que, em 2018, durante o primeiro mandato presidencial de Donald Trump, os Estados Unidos retiraram-se do acordo e restabeleceram as suas sanções contra o Irão.

Em retaliação, o Irão retirou-se gradualmente de certos compromissos estabelecidos no acordo. Segundo a AIEA, o Irão é o único país sem armas nucleares a enriquecer urânio a um nível elevado (60%), próximo do limite técnico dos 90%, necessário para o fabrico de uma bomba atómica. Teerão suspendeu também toda a cooperação com a AIEA em julho, após uma guerra de 12 dias desencadeada por Israel, que incluiu bombardeamentos às instalações nucleares no Irão. Os Estados Unidos também realizaram ataques contra certas instalações no Irão durante esta guerra e, em retaliação, Teerão lançou mísseis e drones contra Israel. O conflito pôs fim a uma série de negociações indirectas entre os Estados Unidos e o Irão sobre o programa nuclear iraniano, que estavam em curso desde abril.

Por iniciativa da França, do Reino Unido e da Alemanha, a ONU restabeleceu as sanções contra o Irão no final de setembro, suspensas há 10 anos. A expiração do acordo

nuclear torna as sanções "nulas e sem efeito", afirmou o ministro dos Negócios Estrangeiros iraniano, Abbas Araghchi, numa carta enviada hoje à ONU. Apesar de o Irão ter assinado, em setembro, no Cairo, um acordo com a AIEA para definir a retoma da sua cooperação, os três países europeus criticaram a falta de cooperação de Teerão com a agência nuclear das Nações Unidas com a AIEA e apelaram ao retomar das negociações com os Estados Unidos. "Os esforços do Irão para retomar as discussões [com a AIEA] que levaram ao acordo do Cairo foram também sabotados pelas acções irresponsáveis dos três países europeus", acrescentou o Ministério dos Negócios Estrangeiros iraniano. Ainda assim, acrescentou, "o Irão expressa firmemente o seu compromisso com a diplomacia". O programa nuclear iraniano há muito que envenena as relações do Irão com os países ocidentais. O Irão nega pretender criar uma bomba atómica, mas insiste no seu direito à energia nuclear para fins civis, particularmente para gerar electricidade. **Fonte-Agência-Lusa.**

[**Hamas diz que fechamento de Rafah atrasará entrega de restos mortais de reféns**](#)

O Hamas disse ontem sábado que o fechamento da passagem de Rafah entre o Egito e Gaza causaria atrasos significativos na entrega dos restos mortais dos reféns. Em um comunicado, o grupo disse que o fechamento contínuo "bloqueia a entrada de equipamentos especializados necessários para procurar os desaparecidos sob os escombros e impede equipes forenses e ferramentas necessárias para identificar corpos", levando a "atrasos significativos na recuperação e transferência de restos mortais". **Fonte-Arab News.**

[**A Europa deve fazer mais para reduzir sua dependência da energia russa**](#)



LUCAS COFFEY
17 de outubro de 2025



Medidas mais rígidas da Europa e dos EUA podem reduzir a receita de Moscovo com o petróleo bruto em até US \$ 80 bilhões por ano

Mais de três anos e meio após a invasão da Ucrânia pela Rússia, a Europa ainda está lutando com sua segurança energética, diversificando suas importações de petróleo e gás de Moscovo para outros mercados. Embora tenham sido feitos progressos, muitas vezes foi um caso de dois passos à frente e um passo atrás.

Durante anos até 2022, a Europa desfrutou de acesso relativamente fácil ao petróleo e gás russos baratos. A Rússia ficou feliz em vender para a Europa. Moscovo precisava do dinheiro e sabia que isso lhe dava vantagem em qualquer barganha ou negociação com Bruxelas. No passado, houve até casos em que a Rússia usou suas exportações de energia como uma ferramenta de política externa - alavancando a dependência da Europa interrompendo o fornecimento.

A situação energética da Europa tornou-se ainda mais precária por seu impulso incessante em direção à energia renovável a todo custo. As usinas nucleares foram desativadas. Projectos solares e eólicos caros e apenas moderadamente eficazes tornaram-se o método preferido de geração de energia, enquanto as minas de carvão foram fechadas.

A invasão em larga escala da Ucrânia pela Rússia em 2022 foi considerada um alerta para muitos. Na época, houve uma conversa generalizada sobre a Europa se afastar da energia russa para novas fontes. Esse entusiasmo levou a medidas concretas no início. No início do verão daquele ano, a UE assinou um novo acordo com o Azerbaijão que aumentou as exportações de gás do Mar Cáspio para os mercados europeus, compensando algumas das importações anteriormente provenientes da Rússia. A Europa também buscou novas fontes de gás do norte de África, particularmente da Argélia. O mesmo pode ser dito para os EUA, que viram um aumento significativo nas exportações de gás para a Europa desde 2022.

O entusiasmo demonstrado nos primeiros dias da guerra deu lugar a uma realidade mais complicada. Desde 2022, os países da UE gastaram cerca de € 213 bilhões (US\$ 248 bilhões) em energia russa – muito mais do que os cerca de € 167 bilhões que forneceram para armar a Ucrânia no mesmo período. Alguns países europeus conseguiram reduzir sua dependência da energia russa, enquanto outros fizeram pouco. Embora o total de pagamentos da UE à Rússia tenha caído para € 11,4 bilhões entre janeiro e agosto deste ano - uma queda de 21% em relação ao ano passado - quase metade do total veio de apenas dois países, Hungria e Eslováquia, que continuam resistindo aos apelos para diversificar.

Tanto Budapeste quanto Bratislava estão entre as mais cautelosas em seu apoio público à Ucrânia e, às vezes, parecem simpáticas à visão de Moscovo. Mas houve até um aumento nas importações de energia russa de países que apoiam a Ucrânia, incluindo França, Holanda, Croácia, Romênia, Portugal e Bélgica. É chocante que, à medida que a guerra na Ucrânia se aproxima do final de seu quarto ano, haja países europeus que ainda estão aumentando suas importações de energia russa quando exatamente o oposto deveria estar acontecendo.

O absurdo dessa situação não passou despercebido pelo governo Trump. No mês passado, o presidente Donald Trump postou no Truth Social que estava pronto para implementar um grande pacote de sanções contra Moscovo "quando todas as nações da OTAN pararem de comprar petróleo da Rússia". Ele descreveu a compra contínua de petróleo russo como "chocante", reconhecendo que enfraquece a posição de negociação do Ocidente contra Moscovo.

Os ministros das Finanças do G7 divulgaram um comunicado após uma reunião virtual em 1º de outubro, declarando que estão prontos para "tomar medidas conjuntas para

aumentar a pressão sobre a Rússia". Especificamente, eles destacaram a questão das compras contínuas de energia russa, afirmando que o grupo "concordou que agora é a hora de maximizar a pressão sobre as exportações de petróleo da Rússia - uma importante fonte de sua receita".

Estima-se que medidas mais rígidas da Europa e dos EUA possam reduzir a receita de Moscovo com o petróleo bruto em até US \$ 80 bilhões por ano. Obviamente, isso teria um enorme impacto na economia da Rússia e em sua capacidade de travar uma guerra contra a Ucrânia. Ainda não se sabe se essa retórica se traduzirá em política - mas, se a experiência passada servir de guia, é improvável.

Trump também tem um papel a desempenhar. No pouco tempo em que ele voltou ao Salão Oval, seu governo fez esforços reais para aumentar a produção de petróleo e gás dos EUA e facilitar as exportações para parceiros em todo o mundo. As recentes tarifas secundárias que os EUA impuseram à Índia para comprar petróleo russo também aumentam a pressão sobre Moscovo. Houve até indicações esta semana de que o preço do petróleo bruto globalmente está diminuindo à medida que a oferta supera lentamente a demanda. Isso deixará Moscovo nervoso.

Trump sabe disso, e é por isso que postou sua mensagem contundente no mês passado pedindo aos europeus que acabassem com suas importações de energia russa.

Dito isso, isso não significa que uma resolução pacífica para a invasão da Ucrânia pela Rússia seja iminente. Trump pode ser motivado por uma de duas razões. Ele pode exigir que os europeus parem de comprar energia russa antes que ele aplique maior pressão sobre Moscovo, sabendo que a Europa não pode fazê-lo de forma realista no curto prazo - permitindo assim que ele transfira a culpa pela falta de progresso nas negociações de paz para longe de si mesmo e para a Europa.

Ou ele poderia genuinamente esperar que a Europa tome medidas concretas para reduzir sua dependência da energia russa como uma forma de pressionar Moscovo a se sentar à mesa de negociações de boa fé - algo que ainda não fez desde que Trump iniciou sua iniciativa de paz no início deste ano.

Uma coisa é certa: cortar a fonte de receita que permite à Rússia continuar a guerra é tão importante quanto os países europeus armarem a Ucrânia com armas. Mas não será até que os europeus tomem medidas significativas para reduzir sua dependência da energia russa que Moscovo realmente comece a sentir o aperto e finalmente chegue à mesa de negociações.

Luke Coffey é membro sênior do Instituto Hudson. X: @LukeDCoffey

Isenção de responsabilidade: A opinião expressa pelo escritor nesta sessão é própria e não reflecte necessariamente o ponto de vista do **Arab News**.



**INDEPENDÊNCIA
NACIONAL DE ANGOLA**
1975-2025
Preservar e valorizar as conquistas alcançadas, construindo um futuro melhor